



**Porto Património Mundial  
boas práticas em reabilitação urbana  
25 de Outubro de 2013 - Cinema Passos Manuel - Porto**

**Sinopses e notas biográficas**

**É possível reabilitar sem gentrificar? Algumas pistas de resposta a propósito do centro do Porto e outros casos – João Queirós**

Ao cabo de algumas décadas de investigação sobre a configuração e efeitos das operações de reabilitação de centros urbanos, alguns estudiosos do tema questionam-se sobre se é possível levar a cabo tais operações sem que delas decorram processos de gentrificação das áreas reabilitadas, isto é, recomposições sociais baseadas na substituição das populações locais, geralmente de extração popular, por grupos com maiores volumes globais de recursos. Se até Bolonha, cidade apontada como paradigma da "conservação integrada" e da participação cidadã na reabilitação, registou, aliás bem cedo, tais processos, como poderia deixar de se levar a cabo tal questionamento?

Tomando como ponto de partida alguns elementos empíricos e analíticos sobre a recomposição do tecido social do centro histórico do Porto ao longo dos últimos quarenta anos, esta comunicação pretende lançar algumas pistas de debate sobre esta dimensão central das operações de reabilitação urbana que no núcleo antigo da "cidade invicta" têm vindo a ser concretizadas.

**João Queirós** é sociólogo. Investigador no Instituto de Sociologia da Universidade do Porto, onde prepara a defesa de uma tese de doutoramento sobre as consequências sociais das intervenções habitacionais do Estado no centro do Porto, é ainda docente convidado da Escola Superior de Educação da mesma cidade.

**O contributo de um projeto colaborativo para a regeneração do centro do Porto – José Paixão**

A partir de um diagnóstico do estado da cidade do Porto que aponta para uma necessidade premente de se ampliar o esforço de reabilitação urbana, pretende-se focar nesta apresentação o papel que o empreend-edorismo social pode desempenhar para a sua dinamização e ativação. Com base na experiência do projeto Arrebita! serão analisados as características mais salientes de iniciativas desta natureza e em que medida fornecem repostas eficazes e inovadores para problemas urbanos que contrastam radicalmente com a velha tradição de masterplanning e masterminding através de políticas administrativas.

Conforme será exposto, o facto de serem promovidos por movimentos de raiz, operarem através da colaboração, visarem problemas de forma local e tenderem a operar em estruturais ligeiras resulta que este tipo de soluções constitui também um agente poderoso para a indução de transformação social com particular validade em cenários de crises urbanas, como aquele verificado com gravidade no Porto.

**José Paixão** Frequentou o United World College nos Estados Unidos da América, formou-se em Arquitetura na University of Nottingham, no Reino Unido e pós-graduou-se na University of Applied Arts de Viena. Regressa agora a Portugal incitado por um desafio maior, implementar o projeto Arrebita!, um modelo colaborativo de regeneração urbana que aspira reabilitar edifícios degradados em casos de necessidade social.



**Porto Património Mundial  
boas práticas em reabilitação urbana  
25 de Outubro de 2013 - Cinema Passos Manuel - Porto**

**Sinopses e notas biográficas**

**Arqueologia na reabilitação urbana: como e para quê? – Orlando Sousa e Maria Ramalho**

“Seria útil, sempre que possível, tomar medidas que evitassem as operações imobiliárias ou urbanísticas nos sectores sensíveis do ponto de vista arqueológico”

Jacob Aano (Presidente da Comissão de Cultura e Educação da Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa), Un avenir por notre passé, 23, 1984

Ao falar-se hoje de reabilitação urbana estamos a falar da história das cidades, e não é possível intervir, na cidade, sem um conhecimento profundo sobre as suas origens até aos nossos dias. Por isso é que em toda a Europa e nos Estados Unidos a expressão arqueologia urbana é aplicada quando se trata de estudar as cidades actuais, independentemente de terem origens na pré-história, na protohistória, em época romana, medieval, ou moderna.

O enquadramento destas questões, e a sua operacionalização são claros e as recomendações e convenções internacionais sobre a matéria foram ratificadas pelo Estado Português.

Partindo da realidade da cidade do Porto como lugar de valor patrimonial excepcional, onde devem ser aplicadas igualmente regras e princípios de carácter excepcional, procuraremos ainda expor alguns dados sobre o que têm sido os trabalhos arqueológicos na cidade, particularmente durante 2013, e as vantagens que poderá trazer esta actividade desde que enquadrada de forma atempada e usufruindo do empenho e da atenção não só das entidades responsáveis pela gestão da cidade e do seu património, como também dos cidadãos em geral. O modo de revelar o passado da arqueologia não é dissociável da ideia que temos também para a reabilitação do Porto, uma prática que queremos mais delicada, atenta e curiosa, afinal uma outra forma de procurar compreender o que é afinal esta cidade...

**Orlando Sousa** Licenciatura em História e Mestrado em Arqueologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Curso de Alta Direcção em Administração Pública pelo INA, exerce funções na Direcção Regional de Cultura do Norte. Tem desenvolvido e executado projectos nas áreas da gestão, interpretação e valorização do património. Membro do Conselho de Administração do ICOMOS Portugal, e representante português no ICIIP-ICOMOS (International Scientific Committee on Interpretation and Presentation of Cultural Heritage Sites).

**Maria de Magalhães Ramalho** Formada em História pela Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Nova de Lisboa e Mestre em Arqueologia Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, encontra-se a exercer funções na actual Direcção-Geral do Património Cultural desde 1990. Ao longo dos últimos anos tem centrado a sua investigação sobretudo na área da Arqueologia Medieval e Arqueologia da Arquitectura, tendo publicado diversos artigos e orientado aulas dos cursos de mestrado e doutoramento das Faculdades de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa e Universidade do Porto. Integra o Conselho de Administração do ICOMOS-Portugal desde 2007.



**Porto Património Mundial  
boas práticas em reabilitação urbana  
25 de Outubro de 2013 - Cinema Passos Manuel - Porto**

**Sinopses e notas biográficas**

**Os Maus Hábitos de sonhar – Daniel Pires e Rui Mascarenhas**

Porque não parar para pensar e actuar para construir uma nova economia, uma nova urbe e uma nova forma de estar e de ser, porque saber-fazer, saber-viver e saber-teórico não podem surgir em contextos desprovidos de sentido crítico.

Temos de criar as condições para um espaço onde se possa construir, jogar e festejar, onde é dado a possibilidade de criadores e públicos assumirem riscos e de cada um produzir significado, aumentando o espaço individual e colectivo de liberdade. Devemos desenhar um espaço de cidade onde a mutação seja constante, onde as práticas específicas e actividade renovem a forma como cada um percebe o mundo e actua nele, e muito especialmente a nossa região.

**Daniel Ramos Pires** – 1970 – Porto Fotógrafo de moda e professor durante 12 anos licenciado em Fotografia pela Escola Superior Artística do Porto, e Mestrado em Design da Imagem pela FBAUP. Em 2001 dá origem ao Espaço de intervenção cultural Maus Hábitos Realiza com alguma regularidade conferências Desenvolve o projecto Pinoteca – construção de pin´s Foi membro durante 3 anos da direcção da Agência ADDICT Em 2012 participa durante 6 meses em Guimarães Capital da Cultura 2012 – “ON OFF – Laboratório de Criatividade Urbana”



**Porto Património Mundial**  
**boas práticas em reabilitação urbana**  
**25 de Outubro de 2013 - Cinema Passos Manuel - Porto**

**Sinopses e notas biográficas**

**O bestiário vai às Cardosas - estetização, turismo e polémicas patrimoniais - Álvaro Domingues**

Nos tempos em que o rio Douro era o porto do Porto - tal como Manoel de Oliveira o filmou - "Douro, faina fluvial", 1931 -, as ribeiras eram um fervilhar de gente e actividades, e a cidade, um entreposto comercial. Hoje tudo mudou à borda d'água, e depois da quase sacralização do centro histórico entretanto classificado património da humanidade, o rio Douro é um espelho, uma emoção, e a cidade, um festival. Onde antes só se falava de problemas sociais, más condições de habitação e pobreza (a razão das primeiras políticas públicas para a cidade velha), hoje discute-se uma mistura explosiva de realidades, contradições e expectativas sobre como transformar ruínas e prédios degradados em locais fervilhantes de turistas, hotéis, restaurantes, comércio de luxo e "jovens criativos".

O Estado desvairado e sem dinheiro, e o liberalismo que tudo mercantiliza, puseram o património num ataque de nervos. Vale quase tudo; realidade e ficção confundem-se em dispositivos vários que evocam o passado, a espessura das memórias, a identidade e, sobretudo, a distinção. Como nos bestiários medievais, o natural e o sobrenatural fundem-se em fantasias de unicórnios, quimeras e cantos de sereia.

Com tanta biodiversidade, abriu-se uma crise de legitimação: o património é aquilo que dizem que é, seja a legislação, um especialista autorizado, um sítio na internet ou um anúncio publicitário. Ninguém garante que se fale da mesma coisa, mas quem fala sabe manobrar argumentos e fundamentar polémicas: "do Passeio das Cardosas vislumbra-se um Porto que reza na Capela das Almas e..., mas sempre inspiradoramente." prazer de viver num quarteirão totalmente reconstruído, na bonita baixa...". São duzentos e vinte e cinco mil euros, cento e dois metros quadrados e dois mil e duzentos e seis euros por metro quadrado e dois quartos. Está tudo em <http://casa.trovit.pt/apartamento-t2-quarteir%C3%A3o-cardosas>. O Google é melhor que deus porque responde sempre!

**Álvaro António Gomes Domingues** (Melgaço, 1959) é geógrafo, doutorado em Geografia Humana pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto e professor na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, FAUP, onde também é investigador no Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo CEAU-FAUP. Das suas publicações mais recentes, destacam-se: 2012, Vida no Campo, ed. Dafne, Porto. 2010, A Rua da Estrada, Ed. Dafne, Porto. 2012, "Paisagens Transgénicas", in BANDEIRA, P., CATRICA, P. (org), Missão Fotográfica: Paisagem Transgénica, INCM, Lisboa. 2011, Políticas Urbanas II, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa (com PORTAS, N. e CABRAL, J.). 2006, Cidade e Democracia, 30 anos de transformação urbana em Portugal, Ed. Argumentum, Lisboa (org. e texto).

**Porto Património Mundial  
boas práticas em reabilitação urbana  
25 de Outubro de 2013 - Cinema Passos Manuel - Porto**

**Sinopses e notas biográficas**

**Do SAAL à SRU passando pelo CRUARB – Alexandra Gesta**



TORGAL, Adosinda; FERREIRA, Madalena. Ao Porto - Colectânea. 1ª edição. Lisboa. D. Quixote. 2001 Fotografia por Paulo Pacheco

**Alexandra Gesta** Arquitecta. Diplomada em Arquitectura pela Escola Superior de Belas-Artes do Porto. Arquitecta no Município de Guimarães desde 1980. Foi responsável pelo projecto de requalificação urbana do Centro Histórico de Guimarães entre 1983 e 1992 e entre 1995 e 2007, elevado a Património Mundial da Humanidade em 2001, no GTL – Gabinete Técnico Local. Actualmente, é Vereadora da Câmara Municipal de Guimarães, responsável pela Divisão do Gabinete Técnico Local, pela Reabilitação Urbana e integra a equipa coordenadora do projecto urbanístico “Guimarães, Capital Europeia da Cultura 2012.



**Porto Património Mundial  
boas práticas em reabilitação urbana  
25 de Outubro de 2013 - Cinema Passos Manuel - Porto**

**Sinopses e notas biográficas**

**Conservação e manutenção de janelas no Centro Histórico do Porto: uma proposta participativa – Esmeralda Paupério; Domingas de Vasconcelos; Teresa Ferreira; Xavier Romão; Francisco Sousa Rio**

A Oficina “JANELAS com TINTA têm muito + PINTA”, constituiu uma proposta participativa para a conservação e manutenção de janelas no Centro Histórico do Porto, enquadrada no programa «Manobras no Porto».

Deste modo, pondo a “mão na massa”, a oficina pretendeu concentrar a atenção sobre as janelas, um elemento construtivo fundamental na caracterização da integridade do património edificado e do conjunto urbano, que está a ser alvo de recorrente substituição, seja por falta de manutenção, seja em projectos de intrusiva renovação.

A comunicação propõe um enquadramento sobre o conceito de manutenção, nomeadamente sobre as suas vantagens ao nível da economia de recursos, da preservação da autenticidade, da recuperação de técnicas tradicionais actualmente em desaparecimento, bem como do potencial de envolvimento e participação dos habitantes, aumentando a sua auto-estima na relação com o seu património.

Durante a apresentação, será mostrado o funcionamento da oficina, nomeadamente através da descrição das diversas fases, técnicas, instrumentos e materiais aplicados na conservação e manutenção das janelas, ilustradas também num vídeo documental que regista o processo.

**Esmeralda Paupério** é engenheira civil pela FEUP. Trabalha no Instituto da Construção da FEUP na área da consultoria em reabilitação estrutural de edifícios e monumentos. Membro do Conselho de Administração do ICOMOS e representante portuguesa no ICOMOS – ICORP (International Committee on Risk Preparedness).

**Domingas Vasconcelos**, arquitecta (FAUP, 1990), mestre em História da Arte (FLUP, 2004). Trabalha na Câmara Municipal do Porto desde 1992, na Divisão de Estudos Urbanísticos (até 1999) e na Divisão de Museus e Património Cultural (desde 2000). Membro do Conselho de Administração do ICOMOS.

**Teresa Ferreira** é arquitecta licenciada pela FAUP, doutorada, tendo vindo a desempenhar actividade profissional, docente e de investigação no campo da reabilitação. Membro do Conselho de Administração do ICOMOS.

**Xavier Romão** é engenheiro civil pela FCTUC, doutorado em Engenharia Civil pela FEUP, e é actualmente Professor Auxiliar no Departamento de Engenharia Civil da FEUP. É colaborador do Núcleo de Conservação do Instituto da Construção da FEUP. É membro do ICOMOS Portugal e representante português no ICOMOS – ICORP (International Committee on Risk Preparedness).

**Francisco Sousa Rio**, arquiteto (FAUP, 1996), pós-graduado em direito das Autarquias locais (FDUP, 2003). Iniciou a sua colaboração na Câmara Municipal do Porto em 1994, onde trabalha na Divisão de Museus e Património Cultural.



**Porto Património Mundial**  
**boas práticas em reabilitação urbana**  
**25 de Outubro de 2013 - Cinema Passos Manuel - Porto**

**Reabilitar é Rehabitar. Casa na Rua do Pinheiro – variação e adaptabilidade da tipologia almadina – Bernardo Amaral**

“A intervenção adquiriu então um carácter cirúrgico, baseado em desenhos iniciais, mas que eram constantemente renegociados em obra, diariamente, à medida que ia descascando e descobrindo o edifício.

Nesse sentido a atitude, foi de manter o máximo possível de elementos construtivos de época (gradeamentos, carpintarias, estuques) e interpretar a sua tipologia espacial, adaptando um edifício unifamiliar setecentista a um edifício plurifamiliar no século XXI.” da Memória Descritiva. Todo o processo de reabilitação da casa na Rua do Pinheiro, será o pretexto para reflectir criticamente a metodologia de intervenção, ao nível construtivo, programático e arquitectónico sobre uma das tipologias habitacionais mais comuns e características do centro da cidade do Porto.

**Bernardo Amaral** Estuda Arquitectura na Universidade do Porto e na TU Berlin. Colabora desde 2002 em diversos gabinetes de arquitectura no Porto, em Paris e Macau. Exerce actividade como profissional independente, no Porto, desde 2010, tendo realizado obra na área de reabilitação, como sejam a Casa do Pinheiro ( Menção honrosa João de Almada 2012) ou o café Duas de Letra. Colabora com o Museu de Serralves, também desde 2010, enquanto monitor do Serviço Educativo, no campos da Arquitectura e Arte Contemporânea.

**Da inspecção e diagnóstico à intervenção estrutural – A análise das pré-existências como apoio fundamental à reabilitação do património edificado – Tiago Ilharco**

Pretende-se com a presente comunicação salientar o papel fundamental das acções de inspecção, diagnóstico e avaliação estrutural nos projectos de reabilitação de património edificado. Apenas um conhecimento completo das características das estruturas existentes e do seu estado de conservação, conseguido nomeadamente através de acções de inspecção e diagnóstico e de ensaios in situ, permitirá a realização de projectos de reabilitação devidamente sustentados e adaptados às condições existentes, dirigidos para a solução dos reais problemas das estruturas. Esta abordagem permite minimizar o impacto sobre as construções, optimizando soluções e o custo final das intervenções, num compromisso entre funcionalidade, segurança e salvaguarda do património. A importância desta abordagem será realçada através da análise de alguns casos práticos de reabilitação de edifícios antigos, que foram sustentados por uma análise cuidada das pré-existências.

**Tiago Ilharco** é licenciado em Engenharia Civil e mestre em Reabilitação do Património Edificado pela FEUP, tendo frequentado o “13th International Course on Wood Conservation Technology”, do ICCROM. Membro da direcção da APRUPP e sócio-gerente do NCREP, trabalha, desde 2005, na área da reabilitação do património, participando em diversos projectos que envolvem a inspecção, o diagnóstico e a reabilitação de edifícios antigos e, em particular, de estruturas de madeira.



**Porto Património Mundial  
boas práticas em reabilitação urbana  
25 de Outubro de 2013 - Cinema Passos Manuel - Porto**

**Alto e siga o baile O que diz o Centro Comercial Stop das nossas condições de reabilitação – Anselmo Canha; Fábio Veríssimo; Heitor Alvelos**

O Centro Comercial Stop é um outrora esperançado – e depois falido – espaço comercial do Porto. Ao longo dos últimos anos ele tornou-se num poiso de ensaio de bandas de música.

Toma-se esta transformação espontânea como contributo para aspectos processuais, sociais, económicos, afectivos e simbólicos implicados na reabilitação.

O que aparenta, em relance, ser uma acção colectiva e até consertada de reabilitação, revela, ao perto, um emaranhado de contradições éticas, entrincheiramentos, contaminações culturais disléxicas, que determinam aberturas e bloqueios de uma efectiva acção colectiva, negociada. Perante esta complexidade, e a partir de iniciativas e agitações de campo, avança-se no reconhecimento da índole dos entes emocionais, sociais e culturais que somos, vistos simultaneamente à lupa, a pé, de carro e de avião. E, no caminho, pergunta-se o que é re-dar-nos capacidade.

**Anselmo Canha** é designer e músico. Ensaia, investiga e coopera dentro da comunidade de músicos do CCStop desde 1996.

**Fábio Veríssimo** é estudante de arquitectura e encontra-se a realizar dissertação de mestrado tendo como objecto de estudo o CCStop.

**Heitor Alvelos** é professor universitário, investigador e operador cultural. Dirige o medialab futureplaces. É colaborador regular do CCStop desde 2008.